



O BANQUETE QUE NÃO ALIMENTA: A QUAL FOME A RECUSA ANORÉXICA RESPONDE?¹

THE BANQUET THAT DOES'T FEED: TO WHICH HUNGER DOES THE ANOREXIC REFUSAL RESPOND?

Karina de Araújo Ferreira²
Fabiana Cristina Teixeira³

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo ressaltar a ineficácia do banquete totêmico na anorexia mental, associando às considerações lacanianas que coloca em relevo a recusa alimentar como uma resposta inconsciente dirigida ao Outro para interrogar o seu desejo. Então, de modo a sustentar o objetivo proposto, foi realizado um trabalho fundamentado na metodologia de pesquisa em psicanálise, que também contou com o rastreamento de termos como “anorexia mental”, “comer nada”, “banquete totêmico”, “dom de amor” e “função paterna”. Compreende-se que no percurso de tentativas de uma resposta diante de algo insuportável surgido na relação com o Outro, os sujeitos anoréxicos expressam concretamente em seus corpos, muitas vezes emagrecidos, grande sofrimento emocional. Deparamos com mulheres, ainda jovens, ancoradas em verdadeiras prisões, em que a vida afetiva definha e o corpo desaparece, deixando à mostra o sinistro: os ossos. Os ossos podem ser pensados como os restos do banquete totêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Anorexia mental; Banquete totêmico; Recusa alimentar; Psicanálise; Demanda de amor.

ABSTRACT: This research aimed to highlight the ineffectiveness of the totemic banquet in mental anorexia, associating with lacanian considerations that highlights the refusal to eat as an unconscious response directed to the Other to interrogate its desire. Thus, in order to support the proposed objective, based on research methodology in psychoanalysis was carried out was tracked of terms as “mental anorexia”, “eating nothing”, “totemic banquet”, “gift of love” and “paternal function”. It is understood that in the course of attempting an answer to something unbearable that arose in relation to the Other, these subjects express in their often thin bodies great emotional suffering. We find women, still young, anchored in real prisons, where the affective life withers and the body disappears, revealing the sinister: the bones. The bones are the remains of the totemic feast.

KEYWORDS: Mental anorexia; Totemic banquet; Food refusal; Psychoanalysis; Demand for love.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se funda a partir de um desejo: dar voz a um sintoma que atravessou minha história e após uma série de repetições, vem sendo transformado e ressignificado. O estudo também, pode ser interpretado pelo desejo de aprender para contribuir.

Desde que me entendo por “ser pensante”, a curiosidade me acompanha: constantemente questionadora e interessada pelas vicissitudes do mundo. Contudo, na adolescência iniciei um percurso pelo caminho assombroso da fome. Assombroso porque mostrou-se escuro, vazio e ao mesmo tempo viciante.

Não passei fome por não ter o que comer, mas para caber em algum lugar, para pertencer, para ser amada. Construí fantasticamente que “não comer” era valoroso, enquanto comer era, vergonhoso, associado à culpa. Provavelmente foi quando eu incorporei os valores da

¹ Artigo construído a partir do Trabalho de Conclusão de Curso da primeira autora sob orientação da segunda.

² Psicóloga pelo Centro Universitário de Viçosa – Univiçosa. karinaaraujo.psi@gmail.com

³ Professora do curso de graduação do Centro Universitário de Viçosa – Univiçosa. fabicteixeira@hotmail.com

sociedade vigente. Sentia vergonha de comer perto de outras pessoas, em cerimoniais, festas, ou até mesmo na cantina da escola. Então, eu recusava.

É curioso: tentava me identificar com alguém, com algum lugar, com qualquer coisa, recusando. Na anorexia recusa-se tanto: a possibilidade da autonomia, a comida, o outro, a palavra, tornar-se mulher.

Porém, com a recusa vem a fome. E fome intensa, acompanhada por desnutrição, aniquila a capacidade de pensar, de desejar, de sonhar. Acarreta o desaparecimento. E a menina curiosa, perspicaz, determinada e apaixonada pela vida foi perdendo seu encanto, foi desaparecendo.

No início as pessoas elogiavam minhas novas medidas: elogiavam números. Mas depois pareciam ter medo das minhas novas medidas: cobravam números. E isso girava como um “eterno” fechamento compulsivo e repetitivo: não parecia ter fim. E na falta de uma solução melhor, eu me tratava com minha própria fome. Uma solução que também era armadilha. Percebi que a anoréxica vive carcomida no gozo de seu sintoma, em uma sociedade que fetichiza seu corpo.

Vivi em torno de números, de uma dieta a base de “nada” e, de uma fome insaciável para manter-me desejável para alguém. Mas reivindicava um lugar mudo, separado do campo do Outro. Constantemente, questionava, se em minha ausência, alguém sentiria minha falta e até que ponto o Outro me desejava.

Passaram-se doze anos. Anos exaustivos de fome, desmaio, hipotermia, exercícios extenuantes, terapia, medicamentos, viagens semanais para tratamento em São Paulo, internações, noites sem dormir etc. Acabei-me por não participar da vida social com as pessoas. Não existia eu... existia a entidade anorexia e um Eu adestrado por essa entidade e pelas instituições que a tratavam. E perdi tanto. Muitas pessoas não acreditavam que eu atravessaria as grades “daqueles” hospitais. Muitas vezes eu também não. Parte das pessoas que conheci, neste percurso pelo caminho da fome, não conseguiram dar um novo sentido a seus sintomas; muitas morreram. Tais pessoas partiram antes de conhecer melhores possibilidades. E aqui estou eu, tentando representá-las.

Após doze anos em tratamento, conheci a psicanálise, que me fez um convite a ocupar uma posição de sujeito diante do meu processo. O processo não foi simples, como se fazem os dizeres dessas palavras. Entre o mudar e o conseguir me permitir realmente algum passo, foram muitas tentativas, muitas idas e vindas, muitas repetições. De certo modo, nossos sintomas nos trazem algum tipo de satisfação, caso contrário, já os teríamos mandado embora. Há já escrita para tantas repetições.

Enquanto estudante de psicologia, iniciei minha trajetória pelo campo da psicanálise, e ao percorrê-lo, a sensação que tive foi que minha forma de enxergar o mundo havia sido identificada. Também tive experiência com grupos de estudos, projetos de extensão e iniciação científica acerca de assuntos que versam a esta temática. É importante destacar que este período coincide com o início da minha análise pessoal.

Este estudo trata-se de um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso e o interesse pelo mesmo, emergiu fundamentado numa trajetória pessoal que possibilitou invenção a partir do próprio sintoma de uma nova história para si. Além disso, foi de grande aprendizado as experiências oriundas dos estágios clínicos com pacientes com transtornos alimentares, os estudos teóricos desenvolvidos a partir disso e experiências com pessoas internadas em enfermaria para transtornos alimentares.

Pesquisando na literatura psicanalítica me deparei com um texto espanhol intitulado *El banquete de las anoréxicas* (RACKI, 2016) e, ao entrar em contato com o conteúdo, constatei uma associação da recusa anoréxica ao banquete totêmico, descrito por Freud na obra *Totem e Tabu* (1913/2012). O banquete totêmico pertence a um fio que percorre os escritos de Freud de um lado a outro: a pulsão oral, representando metaforicamente o pacto fundamental que liga o ser humano à linguagem, através da incorporação da Lei paterna.

A partir dessas considerações, apreende-se que a relação da anoréxica com a alimentação fica fora do discurso simbólico, em decorrência de uma falha na interdição pela figura paterna como representante da lei e não possibilita a discriminação da relação inicial mãe/bebê, que assegure uma falta no sujeito, impondo-lhe um desejo.

O objetivo deste trabalho foi investigar a anorexia mental à luz do banquete totêmico associando às considerações lacanianas que coloca em relevo a recusa alimentar como uma resposta inconsciente dirigida ao Outro para interrogar o seu desejo. A partir disso, questiona-se as nuances dessa recusa e as implicações para esses sujeitos quando privados da comida e dos laços sociais.

Essa investigação contribuiu para refletir acerca dos possíveis desdobramentos da recusa anoréxica, podendo fornecer um arsenal crítico que sirva como baliza teórica, para auxiliar na condução clínica.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa está inserida no campo da psicanálise, considerada um método de investigação e tratamento, como também um conjunto de conhecimentos decorrente da prática des-

te método. Segundo Jeferson Machado Pinto (1999, p. 4), talvez a maior questão que atravessa a área acadêmica dentro do método psicanalítico é que “em psicanálise estamos tentando conhecer um objeto que é inconsciente. Estamos na tentativa de teorizar sobre o que não se deixa apreender.” O autor pondera que para falar do inconsciente e verificar seu efeito é necessário que alguém se coloque em escuta de modo a criar sua realidade, destacando que “o discurso do analista se apoia no discurso da ciência, mas visa exatamente o sujeito causado pelo seu desejo e não pelo saber da ciência referencial do analista” (PINTO, p. 4-5). Portanto, é importante dizer de antemão que independentemente do que aqui foi produzido não dará conta de descrever quem é o sujeito anoréxico em sua totalidade.

É interessante destacar o que Pinto (1999) nos atenta sobre o percurso da pesquisa em psicanálise:

Todo pesquisador em psicanálise acaba por fazer o percurso de Freud, porque tem de se perguntar por que teoriza daquela forma e não de outra. Pode, assim, identificar como a teoria recalca algumas questões e favorece outras, como se fosse a solução de compromisso possível naquele instante. Ao mesmo tempo, procura "fazer trabalhar" a rede de conceitos para que ela melhor caracterize como um texto escamoteia as maneiras de indicar o aparecimento da verdade (PINTO, p. 7).

Em relação ao método de abordagem, apoia-se no hipotético-dedutivo, engendrado a partir de um conhecimento prévio sobre determinado assunto. Em cima deste problema foram realizadas análises, reflexões e possíveis deduções, com vista a refutar ou corroborar a hipótese; proposição formulada a respeito da temática, suas brechas e, deste modo, possíveis progressos (MARKONI; LAKATOS, 2003). Nesta pesquisa o conhecimento prévio formulado partiu das constatações de que o funcionamento anoréxico diante o banquete totêmico é precário em decorrência de uma falha na interdição da figura paterna como representante da lei, ocasionando importantes implicações na relação do sujeito com o Outro. Diante disso, questionou-se as nuances dessa recusa em relação ao Outro e as implicações para esses sujeitos quando privados da comida e dos laços sociais.

Tais nuances levantaram hipóteses: pode-se pensar na recusa ao banquete como uma tentativa do sujeito anoréxico de manter a integridade de seu corpo, que é ameaçado de extinguir-se pela ameaça do corpo devorador da mãe, numa tentativa de separar para “se-parir”?⁴ E ainda pensar na recusa ao banquete como um signo de amor?

⁴ Este termo foi utilizado por Musso Greco (2012) no livro *Todo pão do mundo*. Na etimologia – “se”: afastar, colocar de lado + “parare”: preparar, aprontar; “separare” está ligado a expressões como: vestir-se, defender-se, munir-se do necessário para pôr-se em guarda. Lacan (1960) aproxima esse termo de “se-parere”: fazer-se visível, gerar a si mesmo.

Então, de modo a compreender a anorexia mental e suas vicissitudes à luz do banquete totêmico e sustentar teorias acerca dos objetivos propostos por essa pesquisa, foi realizado uma espécie de revisão em torno de conceitos, tais como: anorexia mental, comer nada, narcisismo primário, recusa, falência da função paterna, novas formas de sintoma, banquete totêmico, fome de amor e dom de amor.

Destacamos que embora o tema debatido atravessasse a subjetividade anoréxica, não se trata de fixar as características a todos os sujeitos, como se estivessem “presos” à mesma regra. O objeto de que trata a psicanálise é o inconsciente, com suas particularidades, e não se pretende alcançar um lugar de mestria frente aos outros campos do saber – e sim de promover diálogos e discussões ao redor do tema estudado.

3 A RECUSA ANORÉXICA

A lógica de funcionamento da anorexia mental em seu núcleo estratégico, segundo Cosenza (2018)⁵, para além das referências nosográfico-classificatórias e comparativas que abundam na tradição da psicopatologia psiquiátrica e psicanalítica, encontra seu ponto chave na recusa. A experiência clínica de Cosenza demonstra que a recusa é um fator que unifica as diversas condutas negativas utilizadas pela anoréxica: “a recusa do alimento, do corpo feminino, da sexualidade, do laço social” (COSENZA, 2018, p.165).

A conhecida frase anunciada no Evangelho de São João “No princípio, era o Verbo”, referindo-se que no princípio era a palavra, não cabe na lógica de funcionamento da anorexia. A epígrafe que sustentaria a frase neste caso seria “no princípio era a recusa” (COSENZA, 2018, p.1). Cosenza (2009) ressalta que na anorexia, no lugar da palavra, encontra-se a recusa, destacando que nessa operação: a recusa no lugar da palavra pode ser compreendida no sentido metafórico, em que a recusa toma o lugar de uma palavra recalcada, substituindo-a. Sendo assim “o campo da palavra é infestado pelo veneno da recusa, que anula seu impulso vital” (COSENZA, 2009, p.1).

A recusa anoréxica tem função nestes casos de demanda inconsciente, interpelando o Outro no nível do desejo. O que o sujeito demanda nesse apelo é saber qual é o seu lugar no desejo do Outro.

Lacan enfatizou que, pela recusa, a pessoa trata alguma coisa que diz respeito à própria estrutura do desejo humano. Para desejar é necessário a possibilidade de dizer “não”

⁵ Cosenza (2018) cita como referência o Seminário 10 de Lacan.

àquilo que vem do Outro. Neste sentido, a recusa do sujeito em direção à demanda do Outro se torna a própria condição de seu desejo. A anoréxica recusa o alimento para transmitir ao Outro que o que lhe falta é da ordem de outra coisa que não comida.

A dinâmica da recusa na anorexia mental apresenta dupla vertente. Por um lado, permite a constituição do sujeito como diferente em relação ao Outro e não totalmente redutível à captura do Outro. Por outro, pela recusa, o sujeito exerce sobre o Outro, essencialmente sobre os pais, “uma manobra orientada inconscientemente” (COSENZA, 2018, p. 171) para retificar a posição insuportável que eles ocupam em relação ao sujeito.

Lacan (1958) se posicionou sobre esse ponto da recusa, referenciando ao estado de confusão que se encontram os pais da anoréxica, sendo, a anorexia da jovem ao mesmo tempo, o resultado e denúncia inconsciente dessa confusão. Segundo Lacan os pais não conseguem distinguir, na relação com a filha, cuidados e dom de amor, não diferenciando a satisfação das necessidades do dom do signo de amor que entra em jogo no plano simbólico em relação ao desejo da menina como sujeito.

Ao responder à demanda de amor com o objeto que satisfaz a necessidade produz um efeito de insatisfação estrutural naquele que demanda. Não se pode responder à demanda de amor senão no plano do amor, dando ao outro, através do signo de amor, a própria falta, aquilo que não se tem, e não aquilo que se tem. Então, a recusa opera na anorexia mental interpellando o Outro para que ele possa responder ao sujeito nesse “nível radical da demanda” (LACAN, 1958, p. 171), isto é, no nível da demanda de amor.

A recusa anoréxica se apresenta como uma “operação radical” (LACAN, 1958, p.171) para mostrar ao Outro, em particular aos pais, a diferença que separa estruturalmente “o nível simbólico do desejo do nível da necessidade e da satisfação” (LACAN, 1958, p.171).

Com efeito da recusa nos deparamos com corpos vivendo em claustros, regulados por signos, como se experimentasse o desejo de se transformar em “linguagem pura”. A relação com o corpo na anorexia é mediada por signos matemáticos (medidas, proporções etc.) e ao recusar o Outro, seu corpo é recusado junto, sendo reduzido a mero dado biológico, transformando-se em linguagem desencarnada. O corpo deixa de ser corpo para ser só linguagem, como a palavra de uma língua morta, que ninguém compreende (PASSONI; XAVIER, 2010).

E como ficam esses sujeitos que recusam, em um mundo onde todo mundo come? Para quê se come? Esse é um questionamento que frequentemente atravessa o imaginário dessas jovens.

4 O BANQUETE QUE NÃO ALIMENTA

4.1. A comensalidade como regulamentação socio-cultural

Tomei consciência de que não conseguiria entender a minha história sem antes descobrir a origem do meu paladar. (FERNANDES, 2018).

O funcionamento anoréxico perante a comida repercute na privação do convívio social, o que confirma a importância de um olhar atento pela temática social da alimentação ao estudar os transtornos alimentares.

A comensalidade⁶ envolve importante papel na vida do sujeito, não restringindo meramente a uma função fisiológica, mas, sobretudo, apresenta caráter social. Comer abrange sentidos amplos que nos convidam a compreender o ato de alimentar como uma prática que incorpora múltiplas dimensões do sujeito, incluindo aspectos sociais, políticos, econômicos e psicológicos. Refere-se não apenas ao que se come, mas, essencialmente, como se come.

Segundo o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1964), em sua obra intitulada *Mitológicas* – em que recorreu à cozinha e ao preparo de alimentos para estudar hábitos indígenas – os alimentos podem ser utilizados para a compreensão sobre o que nos faz humanos: “essas substâncias compostas por nutrientes e simbolismos são boas para comer e concomitantemente servem para pensarmos sobre a realidade que nos cerca” (MACIEL; CASTRO, 2013).

Lévi-Strauss (1964) se instiga na reflexão sobre a comida a partir de sua função semiótica e comunicativa, declarando que a cozinha está relacionada à linguagem como forma de comunicação, além de ser um código que permite o sujeito compreender os mecanismos da sociedade à qual pertence, da qual emerge e lhe proporciona sentido. Pode-se pensar a partir disso que talvez a maior contribuição das ciências humanas e sociais para o fenômeno da alimentação humana foi de atribuir-lhe um significado. Parafraseando Fischler (1995), o humano “come significados” e partilha com seus pares uma imensidão de representações no ato de comer, nutrindo-se de nutrientes e de imaginários que são partilhados socialmente.

Considerando uma infinidade de alimentos na natureza e que apenas alguns são utilizados como comida, configura-se uma importante reflexão: mesmo o ser humano necessitan-

⁶ O significado da palavra comensalidade se encontra vinculado à partilha do alimento entre duas ou mais pessoas e ainda possui um sentido mais amplo, que remete às relações das pessoas envolvidas (FLANDRIN; MONTANARI, 1998).

do de alimento de forma constante para manter-se vivo e estando potencialmente apto a comer de tudo, não o faz. Por qual razão? A partir desta reflexão, contemplamos que os humanos baseiam suas escolhas por meio do compartilhamento social que comporá uma estrutura alimentar regida por regras, classificações, tabus e proibições.

Um exemplo de tabu diz respeito aos índios Guaiáquis (CLASTRES, 1978) – que habitam áreas de florestas na América do Sul – não consomem o produto de sua caça sob pena de se tornarem azarados na caça. Cada membro dessa sociedade depende da carne obtida por outro caçador. Esse tabu, rigidamente obedecido, garante a reciprocidade entre as unidades familiares, reforçando a solidariedade do grupo e proporcionando alimentação para todos os seus membros. Revela-se neste exemplo o tabu relacionado ao incesto alimentar, respeitado em distintas tribos.

A comida participa da construção do corpo, não só do ponto de vista da sua materialidade como também nos aspectos culturais e simbólicos. Clarice Lispector (1978) associa a alimentação com a possibilidade de, mediante a ingestão, incorporar ou unir ao que se ingere, não é à toa que comumente escuta-se a frase “nós nos tornamos o que nós comemos” diante a alimentação.

Bakhtin (1996), ao dissertar sobre *O Banquete em Rabelais*, ressalta a possibilidade de troca com o mundo pela incorporação dos alimentos, destacando o comer e o beber como uma das manifestações mais importantes do corpo grotesco.

As características especiais desse corpo são que ele é aberto, inacabado, em interação com o mundo. É no comer que essas particularidades se manifestam da maneira mais tangível e mais concreta: o corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo, fá-lo entrar dentro de si, enriquece-se e cresce às suas custas. O encontro do homem com o mundo que se opera na grande boca aberta que mói, corta e mastiga é um dos assuntos mais antigos e mais marcantes do pensamento humano. O homem degusta o mundo, sente o gosto do mundo, o introduz no seu corpo, faz dele uma parte de si [...]. Na absorção de alimentos, as fronteiras entre o corpo e o mundo são ultrapassadas num sentido favorável ao corpo, que triunfa sobre o mundo, sobre o inimigo, que celebra a vitória [...]O corpo vitorioso absorve o corpo vencido e se renova (BAKHTIN, 1996, p.245-247)

Trazendo outros estudiosos da temática que envolvem a comensalidade, destacam-se os historiadores da alimentação Flandrin e Montanari (1998), que sustentam que o que difere o humano do animal em relação à alimentação é a comensalidade, o cerimonial e os rituais que cercam o consumo de alimentos e que envolvem uma função social, como os banquetes. Seguindo Plutarco, o filósofo já discursava no tocante a isso: “Nós” não nos convidamos uns aos outros para comer e beber simplesmente, mas para comer e beber juntos.”

(MONTANARI, 1998). Assim, percebe-se que comensalidade representa uma lei simbólica que regulamenta a relação do sujeito com o alimento.

Freud (1913/2012) destaca a partir da sua teoria sobre o banquete totêmico, a comensalidade como um pacto fundamental que liga o ser humano à linguagem. Ressaltamos, portanto, a comensalidade como regulamentação social e cultural que justapõe à pulsão.

É importante destacar o caráter social que os banquetes e as festas assumem, em que o comer e o beber juntos favorecem o fortalecimento de amizades, a solidariedade, o reforço das relações e a convivência, considerando-se uma cerimônia da civilidade.

4.2. O banquete totêmico

Freud (1913/2012) criou um mito para localizar a origem do pacto simbólico que fundamenta e ordena a cultura: o mito do assassinato e devoração do pai da horda primitiva. Considera-se que esse mito nos permite pensar sobre comida, sociedade e recusa alimentar.

A comensalidade, representada pelo banquete totêmico, relaciona-se com o pacto simbólico que fundamenta a lei através da identificação e incorporação da força e poderes do pai do totem. O que está em jogo em relação a isso quando o ato de comer é interrompido, quando a incorporação é recusada?

Para discorrer acerca deste tema fez-se necessário recapitular fundamentações importantes que atravessam a obra freudiana Totem e Tabu (FREUD, 1913/2012). Segundo Haddad (2004, p. 22-23) tal obra trata-se da exposição mais completa do manifesto do sonho de Freud acerca do mito edipiano, em que a etnologia ocupa lugar privilegiada.

Freud havia descoberto em sua clientela “pequeno burguesa” que o nó de onde parte o inconsciente é a Lei que proíbe o incesto. Então, recorre à antropologia e percebe que a Lei da exogamia se estende a toda espécie humana, inclusive aos grupos mais selvagens, questionando-se por qual razão adotamos em nossa cultura a lei da exogamia. O pai da psicanálise reflete que diante dos argumentos apresentados pela biologia há uma fraqueza para explicar esse enigma que a religião vem tentar recobrir, vindo, naquela ocasião, dedicar-se aos estudos do sistema totêmico. Tal sistema remete aos modos de organização dos povos primitivos que exerce papel de uma religião e fornece a base da organização social.

O Totem, de onde deriva o termo totemismo, consiste em uma estrutura sagrada que, via de regra é um animal ou vegetal ou ainda um fenômeno natural, que mantém relação peculiar com todo o clã. Existem alguns tabus relacionados ao totem, como o de não matá-lo e não comê-lo. Os membros do totem são considerados parentes e os laços que os unem são mais

fortes que os sanguíneos. Outros atributos fundamentais em relação ao totemismo perpassam pela identificação com o totem e a ambivalência emocional em relação a ele.

Freud (1913/2012) discorre acerca da característica do sistema totêmico que atraiu o interesse dos psicanalistas, revelando que em quase todos os lugares em que encontramos totens, há uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, conseqüentemente, contra seu casamento. Na Austrália, por exemplo, a penalidade comum para as relações sexuais para as pessoas de um mesmo clã é a morte. Trata-se de uma ligação forte entre a exogamia e o totemismo. Neste sistema, Freud chama atenção para um horror excepcionalmente intenso pelo incesto.

O horror ao incesto, segundo Freud, consiste no principal tabu totêmico, e o autor relaciona a gênese do totemismo com os fundamentos apresentados pelo Complexo de Édipo, ponderando que se o animal totêmico representa o pai e os dois principais mandamentos do totemismo constituem em não matar o totem e não ter relações sexuais com uma mulher do totem, faz-se pensar nos dois crimes de Édipo, que matou o pai e “tomou” a mãe como esposa. Além disso, coincide com os dois desejos inconscientes primordiais da criança, que deverão ser reprimidos pelos pais e cuja repressão insuficiente ou o redespertar do recalque forma o núcleo das psiconeuroses (FREUD, 1913/2012).

Freud prossegue associando a noção psicanalítica acerca do totem com o banquete totêmico e retoma a concepção darwiniana acerca da horda primitiva representada por um pai autoritário e violento que reserva todas as fêmeas para si e expulsa os filhos quando crescem. Aponta:

Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente (talvez um avanço cultural, o manejo de uma nova arma, tenha lhes dado um sentimento de superioridade). O fato de haverem também devorado o morto não surpreende, tratando-se de canibais⁷. Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força (FREUD, 1913/2012, p. 141).

Devido este assassinato do chefe da tribo, que representava o Totem sagrado, e a transgressão da lei, foi instituída em toda a comunidade, um grande sentimento de culpa, pelo parricídio, e pela violação de todo o tabu totêmico.

⁷ Freud (1913/2012) se refere ao canibalismo como uma expressão mítica que se refere ao protótipo de identificação e anuncia que a incorporação é o modelo oral da identificação e que existe uma tentativa de negar o objeto, uma vez que ele é incorporado e destruído. Assim, as pulsões canibais mostram a ambivalência em relação ao objeto de amor presente na oralidade.

Entretanto, esse pai odiado também era admirado, e com a morte desse Pai tendo apaziguado esse ódio, instaura-se dali por diante uma poderosa lei. Então, os próprios filhos proibem uns aos outros aquilo que o pai quando vivo lhes impedia, instaurando no grupo uma obediência nesse segundo tempo. É interessante observar que o pai se torna mais forte morto que vivo. E com isso institui-se então a partir de consciência de culpa os dois tabus essenciais do totemismo: a proibição do incesto e do parricídio, que estão apoiados, como citado anteriormente, nos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Dessa forma, pela repercussão desse ato memorável tem origem a organização social, a moral e a religião. Citando Haddad (2004, p.39) “a humanidade que nasce no sangue do assassinato do Pai-Deus” (HADDAD, 2004, p.39).

A fim de se estabelecerem rituais, em honra ao Pai morto, os primitivos se veem “confiar a tarefa mnésica de perpetuar sob um modo velado a lembrança desse ato primeiro, de realizar um compromisso complexo entre amor e ódio do pai, rivalidade e solidariedade fraterna” (HADDAD, 2004, p. 39). Esse complexo encontra sua realização no banquete totêmico e, para Freud, não há dúvida: o animal totêmico representa uma metáfora do Pai. Doravante, nossa atenção se fixará na noção de banquete totêmico como representação do pacto que fundamenta a Lei em que há simbolização da identificação com o pai através de sua incorporação. Freud proporciona um “vislumbamento” da cena do banquete totêmico, propondo a imaginação de tal lance:

Numa ocasião solene, o clã mata cruelmente seu animal totêmico e o devora cru, carne, sangue e ossos; os membros do clã estão vestidos à semelhança do totem, imitam-no em sons e movimentos, como se quisessem enfatizar sua identidade e a dele. Há a consciência de realizar uma ação que é proibida a cada um, que apenas pela participação de todos pode se justificar; e nenhum deles pode se excluir do assassinato e da refeição. Após o ato, o animal morto é chorado e lamentado. O lamento pelo morto é obrigatório, imposto pelo temor de uma represália, e sua principal intenção, como Robertson Smith observou numa ocasião análoga, é livrar-se da responsabilidade pela morte (FREUD, 1913/2006, p. 139).

Segundo Haddad (2004), seria este o verdadeiro banquete totêmico freudiano: a devoção do pai, referindo-se ao momento fundador do sentimento de grupo num ato canibalesco singular, manifestando com brilho essa paixão, amor e ódio misturados do ser humano pelo significante. Por intermédio do banquete totêmico, o ser humano renova o pacto fundamental que o liga à linguagem.

O banquete totêmico pertence a um fio que percorre os escritos de Freud de um lado a outro: a pulsão oral. Haddad (2004) é categórico ao posicionar que o banquete não se inscreve

no registro exclusivo da necessidade nutridora, mas no da sexualidade humana estruturada por uma dialética de demanda e desejo.

4.3. A ineficácia do banquete totêmico na anorexia

Considerando as referências estudadas, observa-se nos relatos de pacientes com anorexia ecos de histórias frágeis e solitárias, marcadas por relações de dependência em sua forma mais arcaica. O sujeito anoréxico encontra-se em um deserto de “nãos” e “nadas”, onde inclui em sua série de repetições dietas com baixo teor de calorias, restritas de gordura, açúcar, sabor e cor. Acompanhamos em seus discursos, camuflados por uma escolha de aparente “estilo de vida saudável”, um enigma no que diz respeito às relações entre “o cru e o cozido”.⁸

Em geral, carboidratos e lipídeos tornam-se grandes vilões para essas jovens, e as calorias são contadas milimetricamente. Durante uma refeição, quando em conjunto, é notada idas constantes ao banheiro, trituração dos alimentos e, grande ingestão de líquidos. Pessoas que convivem com tais sujeitos relatam sobras de alimentos espalhados pela casa, escondidos nos armários, livros, roupas e sapatos. Comer torna-se um martírio pela necessidade irrefreável de controle diante da comida (RACKY et al, 2016).

Cardoso (2016, p.109) ressalta o funcionamento anoréxico em relação à comensalidade como “um desvio na prática do banquete totêmico, ilustrado pelo comer escondido, solitário, de forma não compartilhada, e pela privação auto-induzida e contínua, indicando um individualismo que é próprio da contemporaneidade”, apontando as consequências dessa privação, em que há um grave comprometimento das relações sociais.

Pela recusa, o sujeito anoréxico cria suas próprias regras e leis diante a comensalidade, havendo, portanto, “uma falha da lei que regula a relação do sujeito com a comida” (CARDOSO, 2016, p.109).

O banquete totêmico funciona como uma metáfora onde a comida – representante da mãe – é substituída pelo banquete – lei paterna – possibilitando uma experiência

⁸ Esse, aliás, é o título de um ensaio publicado pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss em 1964, que pode servir como base para pensar as relações entre as formas de se alimentar e cultura. Em que sentido? Lévi-Strauss entende que cozinhar o alimento é um fator determinante para o surgimento da cultura na humanidade. Isso implica todas as formas de trocas entre os seres humanos e acréscimos que se dá ao valor puramente necessário da alimentação. Para o autor, o alimento, compostos por nutrientes e simbolismos são bons para comer e concomitantemente servem para pensarmos a realidade que nos cerca (Lévi-Strauss, 1964).

alimentar pautada no simbólico e uma perda de gozo, uma vez que a pulsão torna-se regulamentada (CARDOSO, 2016, p. 110)

A lei da comensalidade pode ser lida como uma lei da castração simbólica, que possibilita uma separação da criança em relação à mãe devoradora, permitindo orientar a criança para a mesa do pai (banquete), que representa uma experiência alimentar sustentada pelo simbólico e pela regulação do gozo (CARDOSO, 2016).

Apreende-se que a relação da anoréxica com a alimentação fica fora do discurso simbólico em decorrência de uma falha na interdição da figura paterna como representante da lei e, em decorrência disso, não possibilita a discriminação da relação mãe/bebê que assegure uma falta no sujeito, impondo-lhe um desejo. Então, a menina torna-se o único objeto de desejo da mãe, não acedendo à representação do falo paterno e, conseqüentemente, da falta deste. Ressalta-se que o banquete proporciona a introjeção da lei paterna pela incorporação canibalesca, trazendo junto ao ato da comensalidade a base da moralidade, da nova organização social e da religião.

Infere-se nessa relação uma extrema dependência na relação mãe-filha, não possibilitando acesso à autonomia e rumo ao desenvolvimento da filha da sua própria sexualidade.

À luz do banquete totêmico identifica-se no cerne da recusa anoréxica uma tentativa precária de resposta do sujeito em relação ao Outro invasivo e devorador – representante da mãe. Associa-se o mecanismo da recusa na anorexia como uma tentativa de operar uma separação. Seria numa tentativa de “separar” para “se-parir”?

Porém, a recusa mostra um caráter ambivalente, uma vez que por meio deste “protesto” para constituir uma separação do campo do Outro, buscando por uma diferenciação, também encontra-se o efeito incapacitante do sintoma anoréxico: a regressão a um corpo infantil, a impossibilidade de acesso e autonomia, a recusa em tornar-se mulher e esses sujeitos acabam “fazendo do seu corpo um mero tubo digestivo, pura imagem no espelho, sem identidade, anestesiado, afônico, morto”, tratando-se de pseudo-separações (GRECO, 2012, p. 6). A recusa na anorexia mental é dirigida ao Outro⁹, propondo que este busque um objeto de desejo além dele, fora dele, porque assim ele próprio encontrará o rumo do desejo.

O exemplo abaixo traz um vislumbamento da ineficácia do banquete totêmico, pela presença de uma mãe devoradora. Trata-se de um relato retirado a partir dos escritos do diário de uma jovem, relatando um sonho com sua mãe. O trecho foi extraído do livro intitulado *Tem um vidro sobre a minha pele* (PASSONI; ROSSETO, 2010, p.125).

⁹ Na estrutura neurótica (COSENSA, 2018).

Estou acordada faz duas horas, sonhei com minha mãe. Sonhei que minha mãe comia como os outros. Nada acontecia naturalmente. Ela mastigava, sofrendo com cada bocado. Mais exatamente, ela “trincava” os dentes e seu paladar dilacerava, esmagava o que eu achava ser eu mesma. Pelo seu olhar sei disso: o seu olhar me olhava comendo. A interdição alimentar é da mesma ordem da interdição do incesto. Minha mãe, no sonho, não era capaz de erguer o copo até a boca. Pelo contrário, encurva todo seu tronco sobre uma pequena xícara e engole de uma vez a metade dela. Sua língua sai da boca antes do copo encostar seus lábios, ela não toma seu pequeno café, mas o lambe nauseantemente. Seus grandes lábios molhados gesticulam palavras em minha direção, mas não consigo ouvir nada. Eu respondo: “Comer, eu? Não! Quando tiver fome, vomitarei meu corpo, comerei eu mesma”. Mas tudo isso é decomposto e uma operação mais estranha toma lugar: acordo com fome. Eu jamais fui capaz de comer acompanhada. Isso me vem à cabeça durante as ceias familiares.

Com base no sonho apresentado, pode-se observar uma simbologia em relação à mãe devoradora, como apontou Lacan (1969-1970, p.170) comparando a mãe com um “crocodilo de boca aberta”, que não permite a anoréxica direcionar-se à *mesa do pai*.

Outro ponto para se refletir, indo ao encontro à recusa anoréxica como tentativa de separação¹⁰, é pensar na recusa do banquete como signo de amor. E nesse ponto Lacan tocou no núcleo estratégico da anorexia mental, quando afirmou que a recusa anoréxica do alimento não é uma recusa de comer, mas trata-se de comer o “nada”. E “graças a este nada, ela (a criança) faz a mãe depender dela” (LACAN, 1956-1957/1995, p.189), invertendo a relação inicial de dependência do sujeito em relação ao Outro materno, e então a recusa alimentar coloca em jogo o “nada” como objeto separador. Para explicar isso, Lacan argumenta sobre as consequências de quando o Outro confunde o desejo da criança com a satisfação de suas necessidades e articula que o processo de estruturação do desejo pelo lugar da falta ilustra que toda demanda é, na verdade, demanda de amor, de algo que está para além da satisfação da necessidade e que é endereçada ao Outro – lugar da fala e da falta (CARDOSO, 2016).

A partir das considerações lacanianas, compreende-se que na anorexia o Outro primordial, ao ser convocado no lugar daquele que não tem, daquele marcado pela falta, responde com o alimento, confundindo seus cuidados “com o dom de seu amor” (LACAN, 1958/1998, p. 634). Diante da angústia por não saber o que o sujeito lhe está demandando, o Outro responde com o alimento, ou seja, reduz a falta a falta de alimento (SILVA; BASTOS, 2006).

No seminário oito, Lacan (1960-1961) nos concedeu uma definição essencial de amor, referindo-se que “amor é dar ao outro o que não se tem”. Dar o que se tem torna-se tarefa relativamente fácil, sobretudo quando o que se tem existe em abundância, e não se privará em

¹⁰ Inclusive Cardoso (2016) cita em sua tese de doutorado.

nada quem o concede e a partir disso Greco (2012) explica que a demanda de amor da anoréxica está para além do registro do ter, pois a anoréxica diz “não” à comida de modo tão persistente, porque não a satisfaz receber o que o Outro tem. “Sua demanda é de que o Outro lhe dê sua falta, algo que não está disponível no mercado” (GRECO, 2012, p. 5).

Com efeito da recusa, reivindicando um lugar fora da dependência do Outro, o sujeito anoréxico protesta em torno de um vazio e de uma dieta à base de “nada” alguma separação do campo do Outro, para inventar seu território, mas acaba perdendo-se no seu corpo sem sujeito. O trecho abaixo traz um vislumbamento do que considera esse corpo assujeitado. Seria possível corpo e alma habitar um mesmo território?

Quando uma mulher, quase menina, deixa de comer e se vê presa em corredores sombrios, “imersa em intestinos, esôfagos e muito sangue, vagando por entre a fome e as comidas, ingeridas e devolvidas” chegamos muito perto de um espaço de fronteira composto por paradoxos, enigmas e contradições: um território mental habitado por fantasmas sem corpo, corpos sem dono, bocas sem voz, almas em exílio forçado. “Existe combate mais sofrido e perpétuo do que o da alma, alva, branca, gelada e leve, com o corpo cansado, pesado, negro, quente e selvagem? [...]

[...]Na grande encenação da vida, a menina-moça-mulher, inapetente e faminta, cozinha lentamente em seu caldeirão de emoções uma poção que julga mágica, dotada de poderes que a elevam ao triunfo sobre a carne, sobre as comidas, sobre a vida. Mas, ao longo dessa viagem alucinada, percebe-se só, amedrontada, e, especialmente, perdida de si, de seus desejos e de seus sonhos: está à espera de algo. Parece amortecida. Atônita e perplexa diante da força e da fraqueza. Como podem, corpo e alma, habitar o mesmo universo? (MIRANDA, 2007, p.28)

Neste percurso de tentativas de uma solução/resposta diante de algo insuportável surgido na sua relação com o Outro e na busca por uma tentativa de separação, encontra-se sujeitos que expressam concretamente em seus corpos, muitas vezes emagrecidos e frágeis, grande sofrimento emocional. Observa-se meninas ainda muito jovens, ancoradas em verdadeiras prisões, em que a vida afetiva definha e o corpo desaparece, deixando à mostra o sinistro: os ossos. Pode-se pensar nos ossos como restos do banquete totêmico, o que sobrou da devoração do pai – agente da castração.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fica, portanto, a identificação, uma vez que as relações entre os homens estão, cada vez mais, fugazes, frágeis? (PEDROSSIAN, 2008, p. 435).

A frase citada por Pedrossian (2006) é porta de entrada para estas considerações finais, como possibilidade de reflexão, em decorrência do comprometimento da relação com o Outro

em pessoas com anorexia mental pela recusa ao banquete totêmico, afetando o enlaçamento e o comer acompanhado. Tais reflexões levam a perceber a carência de estudos científicos que tragam repercussões sobre as implicações psicológicas e sociais diante da queda dos rituais de comer junto na contemporaneidade, sem incorporações culturais.

A comensalidade ao ser lida como uma regulamentação social e cultural que se sobre põe à pulsão, inserindo o sujeito no discurso simbólico, ao recusada, juntamente reverbera uma impossibilidade de acesso ao mundo adulto, à construção de histórias sólidas, consistentes. Por meio da comida, incorpora-se experiências, memórias, histórias, cultura. Incorpora-se identidade. Nesse sentido, a pessoa com anorexia fica fora das incorporações que a cultura proporciona por meio da comensalidade, distanciando-a da relação com o Outro. A concretude de seus corpos desencarnados denuncia esse distanciamento. Seus ossos à mostra podem sinalizar para isso, evidenciando a ineficácia de um banquete ofertado, entretanto, recusado.

À anoréxica não houve uma falta consistente que lhe assegurou acesso ao desejo. Por não ter ocorrido a interdição da figura paterna de modo eficaz, a menina permaneceu fusionada ao desejo materno, não ascendendo rumo ao próprio desejo. Porém, a resposta encontrada pela anoréxica por meio da recusa, na tentativa de operar uma separação do corpo do Outro, de “separar para se-parir”, mostra um caráter incapacitante ao sujeito. Trata-se de uma resposta precária, pois, apesar de o sujeito buscar uma posição de atividade mediante essa “atuação” que se dá por meio da recusa, a condição de assujeitamento psíquico, que é da ordem do inconsciente, permanece. Ou seja, essa resposta atuada não abre possibilidade para um rearranjo desse estado de desmoronamento na mediação simbólica com que se depara o ego.

Retornando à questão inicial, que atravessa o título desta pesquisa: a qual fome a recusa anoréxica responde?

Destaca-se que a fome anoréxica não se trata de “fome de comida”. Não se refere a uma fome objetável, portanto, não é possível supri-la com a “papinha sufocante” e com excesso de alimentos que alguns métodos de tratamento costumam ofertar. A fome anoréxico-bulímica sugere fome de amor, “que nem todo pão do mundo poderá suprir” (DE CLERQ, 2012). Mas há saídas possíveis, sendo a sublimação uma delas. O processo sublimatório proporciona dessexualização, ligando a pulsão a fontes não sexuais, transformando-a, elevando ao sublime e possibilitando novas configurações, como escrever, trabalhar, se analisar e amar. Não só buscar o amor do Outro, mas se enveredar na proposta de ofertar também, incluindo a oferta de suas produções sublimatórias.

A partir de tudo o que foi discutido, o que é possível oferecer, afinal, a essas jovens mulheres que chegam aos consultórios de psicanálise com o discurso camuflado de medo intenso de ganhar peso e desejo por emagrecer?

A proposta é construir junto ao setting analítico, a partir da relação transferencial analista-analisando, um potencial criativo e de desenvolvimento para o sujeito, pensando no espaço terapêutico como um lugar para reintroduzir um limite no desenvolvimento ilimitado e devastador do sintoma, podendo permitir ao paciente encontrar um agente castrador: um banquete que possa ser simbolizado pela dupla analítica, a partir da disponibilidade de ambos, de juntos criarem saídas possíveis. Porém, sabe-se que é um trabalho árduo, que demanda tempo e desejo do analista de suportar a recusa.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M.; VIEIRA, Y. F. (1987). **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec.
- CARDOSO, J. P. (2016). **Anorexia e identificação: um modelo epidemiológico em psicanálise** (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- CASTRO, H. C.; MACIEL, M. E. (2013). **A comida boa para pensar: sobre práticas, gostos e sistemas alimentares a partir de um olhar socioantropológico**. Demetra: alimentação, nutrição & saúde, 8, 321-328.
- CLASTRES, P. (1978). **Da tortura nas sociedades primitivas**. CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 123-131.
- COSENZA, D. (2009). **A recusa e seu manejo no tratamento psicanalítico da anorexia**. Almanaque on-line, 3(4).
- COSENZA, D. (2018). **A recusa na anorexia**. Belo Horizonte: Scriptum.
- DE CLERCQ, F. **Todo pão do mundo**. Crônica de uma vida entre a anorexia e a bulimia. Belo Horizonte: Scriptum, 2012. Tradução de Musso Greco.
- FERNANDES, M. **FOME - Uma caótica e sensível história da alimentação**. 2018.
- FERNANDES, M. **Transtornos alimentares: anorexia e bulimia**. Casa do Psicólogo, 2006.
- FISCHLER, C. **El h(omnívoro): el gusto, la cocina y el cuerpo**. Barcelona: Anagrama, 1995.
- FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, M. **História da alimentação**. São Paulo, SP: Estação da Liberdade, 1998.

FREUD, S. (2012). **Obras Completas: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos:(1912-1914)**. Companhia das Letras.

GASPAR, F. L. (2010). **Anorexia e violência psíquica**. Juruá.

GRECO, M. **Todo o pão do mundo: crônica de uma separação** (2012).

HADDAD, G. **Comer o livro: Ritos alimentares e função paterna**. (2004). Companhia de Freud. Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1995). **O Seminário: Livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar (Originalmente publicado em 1956).

LACAN, Jaques. (1998). **A direção do tratamento e os princípios de seu poder**. In Escritos (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1958).

LACAN, Jaques. (1992). **O seminário: Livro 8: A transferência**. Rio de Janeiro: Zahar. Ed., (Originalmente publicado em 1960-61).

LÉVI-STRAUSS, C. **O cru e o cozido**. São Paulo, CosacNaify, 2004. 442 p. *Mitológicas, 1*.

SILVA, P. D. S. C. (1997). **O texto e a nutrição: corpos que (se) comem em Clarice Lispector**.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

Miranda, M. R. (2007). **Em busca das palavras perdidas: corpo-carcereiro da mente nos distúrbios alimentares**. *Ide, 30(45)*, 28-34.

PASSONI, M. **Tem um vidro sob a minha pele: cultura e cinema: a construção de uma poética fílmica do corpo anoréxico**. 2010. v. 1, 206 f. 2010. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Multimeios), Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DO SANTOS PEDROSSIAN, Dulce Regina. **O mecanismo da identificação: uma análise a partir da teoria freudiana e da teoria crítica da sociedade**. (2008). *Revista Inter Ação*, v. 33, n. 2, p. 417-442.

PINTO, Jeferson Machado. **A instituição acadêmica e a legitimação da vocação científica da psicanálise**. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 12, n. 3, p. 00-00, 1999.

RACKI, Gabriel et al. El banquete de las anoréxicas. **Anuario de Investigaciones**, v. 23, n. 2, 2016.

RECALCATI, M. (2011). **La última cena: anorexia y bulimia**. Ediciones del cifrado.

SILVA, E. L. D.; MENEZES, E. M. (2001). **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**.